

PAIS DE ESTUDANTES DE CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS AVALIAM A INTERFERÊNCIA DO USO DE REDES SOCIAIS DIGITAIS NA ROTINA ESTUDANTIL DOS FILHOS

Icaro Arcênio de Alencar Rodrigues ¹
Hozana dos Santos Silva ²

RESUMO

Devido à possibilidade das redes sociais digitais representarem ambientes nos quais conflitos podem ocorrer, além da possibilidade de interferência no tempo e na qualidade da vida escolar, este trabalho, caracterizado como uma pesquisa de campo, qualitativa e quantitativa e de corte transversal, por intermédio da aplicação de um questionário, teve como objetivo investigar qual a avaliação de pais de estudantes de cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFPB como eles avaliavam a gestão do uso das redes sociais dos filhos através de dois pontos: o modo como os filhos usam as redes sociais e se este uso interferia na rotina e rendimento escolar. Os resultados mostraram que a maioria dos participantes acredita que os filhos usam bem as redes sociais (78,7%), justificando que o uso destas redes ocorre de forma monitorada (23,4%), consciente (19,3%), como entretenimento e comunicação (14,8%) e também são utilizadas como ferramentas para auxílio escolar (12,7%). Igualmente, a maior parte dos pais (64,15%) afirmou que o uso das redes sociais não interferia na rotina estudantil e no rendimento acadêmico dos filhos(as), principalmente porque avaliaram que a ação de estudar se sobressaía. Deste modo, ocorre a gestão eficaz dos horários de estudo (26,47%) e também, porque os filhos(as) estão em constante observação e orientação (26,47%). O presente estudo sugere que os pais possam ter um momento de troca de experiências sobre os processos de gestão de redes sociais, fomentando o desenvolvimento de habilidade e a segurança para contribuir com o processo de ensino-aprendizagem dos seus filhos.

Palavras-chave: Estudantes de cursos técnicos integrados, Redes Sociais, Pais, Gestão.

INTRODUÇÃO

As redes sociais digitais revolucionaram o campo da comunicação à distância, aproximando as pessoas não somente pela voz, mas também por inúmeros tipos de mídias digitais. Todavia, esses espaços digitais também podem representar ambiente de conflitos, como agressões de perfis falsos, exposição da vida íntima de usuários sem o consentimento prévio ou um meio de propagação de fake news, de modo a interferir nas decisões de pessoas e grupos.

¹Psicólogo do IFPB – campus Campina Grande; Mestre em Gestão nas Organizações Aprendentes (UFPB), icaro.rodriques@ifpb.edu.br;

²Estudante do Curso de Licenciatura em Matemática do IFPB – campus Campina Grande, santoshozana6@gmail.com.

Portanto, este trabalho³, caracterizado como uma pesquisa de campo, de corte transversal, qualitativa e quantitativa, por meio de um questionário, teve como objetivo investigar o modo como os pais de estudantes participantes da pesquisa avaliam como seus filhos usam as redes sociais e se este uso interfere na rotina e rendimento escolar.

Os resultados mostram que os pais participantes da pesquisa avaliam que seus filhos usam bem as redes sociais, de modo que não há interferência na rotina e no rendimento escolar dos jovens.

METODOLOGIA

Devido ao tema investigado pela pesquisa ter compreendido como os pais/responsáveis de estudantes matriculados em cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFPB - campus Campina Grande gerenciam o uso das redes sociais dos seus filhos/dependentes, um tema com poucos estudos, a presente pesquisa pode ser definida como exploratória. Um estudo exploratório tem como objetivo examinar um tema ou problema de pesquisa pouco estudado ou sobre o qual se tenham muitas dúvidas, ou também quando se pretende pesquisar sobre áreas e temas em outras perspectivas (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Quanto à abordagem do problema, a presente pesquisa pode ser definida como qualitativa e quantitativa. Richardson *et al.* (2012) descrevem o método quantitativo como aquele caracterizado pela coleta de informações e o tratamento destas por intermédio de técnicas estatísticas, cujas metas são garantir a precisão dos resultados, evitar distorções na análise e interpretação dos dados e possibilitar uma margem de segurança sobre as inferências. Já o método qualitativo procura entender a natureza de um fenômeno social (RICHARDSON *et al.*, 2012).

No tocante ao calendário de pesquisa, ela se caracterizou como transversal, devido à investigação estar inserida em um período delimitado dentro do ano de 2019 (a aplicação dos questionários ocorreu entre os meses de maio e junho). Como afirma Gray (2012), no estudo transversal, os dados são coletados em um momento como uma espécie de fotografia.

³ Este trabalho apresenta parte dos resultados da Pesquisa “A família e a gestão do uso das redes sociais de estudantes de cursos técnicos integrados do Instituto Federal da Paraíba – campus Campina Grande”, aprovado pelo Programa INTERCONNECTA – 2020 do IFPB.

Quanto aos procedimentos, definiu-se metodologicamente como uma pesquisa de campo. Neste tipo de pesquisa, o objeto foi abordado nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem (SEVERINO, 2007). O estudo teve como campo de pesquisa o IFPB – Câmpus Campina Grande.

A população de estudo foram os pais/responsáveis de estudantes de cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFPB - Câmpus Campina Grande no ano letivo de 2019. Neste ano letivo contabilizaram 26 turmas de cursos técnicos integrados, com uma média de 37 alunos por turma, totalizando aproximadamente 962 estudantes. Buscou-se uma amostragem de aproximadamente 5% de cada turma, ou seja, 50 pais/responsáveis. Contudo, obteve-se a participação de 47 pais/responsáveis. Foram incluídos todos os pais/responsáveis de estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFPB - Câmpus Campina Grande no ano letivo de 2019 que devidamente preencheram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo excluídos aqueles que não preencheram e assinaram devidamente o referido termo.

Neste estudo foram levados em consideração os aspectos éticos de pesquisa envolvendo seres humanos, preconizados pelas Resoluções CNS nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo os direitos e deveres dos participantes (BRASIL, 2013, 2016).

O instrumento de coleta de dados foi um questionário com perguntas abertas e fechadas, aplicados presencialmente durante os Plantões Pedagógicos e também durante os atendimentos aos pais no setor da Coordenação de Assistência ao Estudante do IFPB – Câmpus Campina Grande. Em alguns momentos foi necessário que a equipe da pesquisa preenchesse o questionário pelos pais, que respondiam oralmente, devido à inexistência de apoio para os participantes, ou dificuldade na velocidade na escrita.

Richardson *et al.* (2012) esclarecem que esse instrumento possibilita a descrição de características e a medição de determinadas variáveis de um grupo social. No caso do uso de perguntas abertas, estas permitem que o entrevistado possa respondê-las com mais liberdade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para se pesquisar sobre a indisciplina discente no espaço escolar é necessário compreender os diversos pontos que a permeiam. Em relação ao conceito, Parrat –

Dayan (2009) define indisciplina como infração a um regulamento interno, falta de civilidade e agressão às boas maneiras, além de corresponder à manifestação de um conflito.

Gotzens (2003) destaca que existem três tipos de conhecimento sobre disciplina escolar que um educador deve ter: o conhecimento científico, o legal-administrativo e o contextualizado (Quadro 1).

Quadro 1 – Tipos de Conhecimento Sobre Indisciplina

Tipos de Conhecimento	Descrição do conhecimento
Científico	Conceito, modelos, recursos e estratégias para lidar com indisciplina.
Legal-Administrativo	Leis, decretos, regulamentos, comissões e organismos que atuam sobre o tema.
Contextualizado	Conhecimento sobre o aluno, o currículo, o próprio professor, a escola e o ambiente sociofamiliar.

Fonte: Gotzens (2003)

A indisciplina também pode ser desencadeada por vários fatores. Vasconcellos (1997) mostra que ela é um processo que agrega muitos fatores: o desinteresse do aluno (um exemplo comum nesse sentido são as mídias digitais que muitas vezes são mais atrativas que o ambiente escolar); a família quando não consegue educar os filhos(as) a fim de conseguirem administrar impulsos; a escola quando não fornece ao professor apoio pedagógico e a influência da desorganização da sociedade (por exemplo, quando, de modo paradoxal, incentiva o uso da liberdade sem medir as consequências e, ao mesmo tempo, cobra responsabilidade).

Mais especificamente a respeito da influência da sociedade no comportamento de estudantes, destacam-se as redes sociais. Neste âmbito, a pesquisa de Carrano (2017) com discentes e docentes de uma escola pública de Ensino Médio no município do Rio de Janeiro constatou que os alunos, quando entram na internet, primeiramente acessam as redes sociais (55,4%), geralmente com uma frequência de mais de 11 horas semanais para acessar estas redes; reservam apenas um pequeno espaço de tempo (4,1%) para realizarem pesquisas escolares; em sua maioria navegam para tratar de questões pessoais (78%); além do mais consideram que o uso destes ambientes pela instituição escolar poderia melhorar o desempenho dos estudantes (55%), considerando que estes espaços são subutilizados pela escola.

Até mesmo os próprios jovens consideram que o uso da internet tem pontos negativos (Figura 1).

Figura 1 – Desvantagens do uso da internet

Desvantagens do uso da internet	Frequências	Porcentagens
Pode viciar	265	49,81%
Pode ser perigoso	256	48,12%
Falta de contato com a pessoa	229	43,04%
Limitações para se expressar	204	38,34%
Nenhuma	56	10,52%

Fonte: Spizziri *et al.* (2012)

Spizziri *et al.* (2012) realizaram uma pesquisa com 534 adolescentes, entre 12 e 17 anos, de escolas públicas e privadas e buscaram investigar as diferentes formas do uso da internet pelos adolescentes. Os participantes destacaram a possibilidade de viciar (49,81%) como principal desvantagem do uso da internet; a periculosidade do ambiente virtual (48,12%); a falta de contato com a pessoa com quem se comunica (43,04%) e as limitações para se expressar (38,34%).

Os desafios virtuais também se apresentam como ameaça à integridade física e emocional dos usuários jovens. O homem-pateta (Figura 2) é um caso recente de desafio virtual que deixou em alerta familiares e autoridades policiais e da justiça. Um homem maquiado do personagem pateta, por meio de um perfil de rede social, atrai a atenção de crianças, e as induz, por meio de mensagens privadas, a participar de desafios com o intuito de machucá-las, por exemplo, ao pedir que as crianças coloquem sabão em pó nos olhos, para que eles fiquem azuis; ao incentivar o vício em cigarros e também dar sugestões de suicídio (DENÚNCIAS..., 2020).

Figura 2 – Homem-pateta



Fonte: DENÚNCIAS..., 2020

Outro ponto a ser destacado se refere ao período de pandemia de Covid-19 pelo qual a humanidade tem enfrentado. Diante dessa conjuntura, um estudo realizado com 212 estudantes de graduação suíços, buscou investigar múltiplas dimensões das redes sociais (interação agradável, amizade, apoio social e co-estudo) e indicadores de saúde mental (depressão, ansiedade, estresse e solidão) antes e durante a crise sanitária em abril de 2020 (ELMER; MEPHAN; STADFELD, 2020).

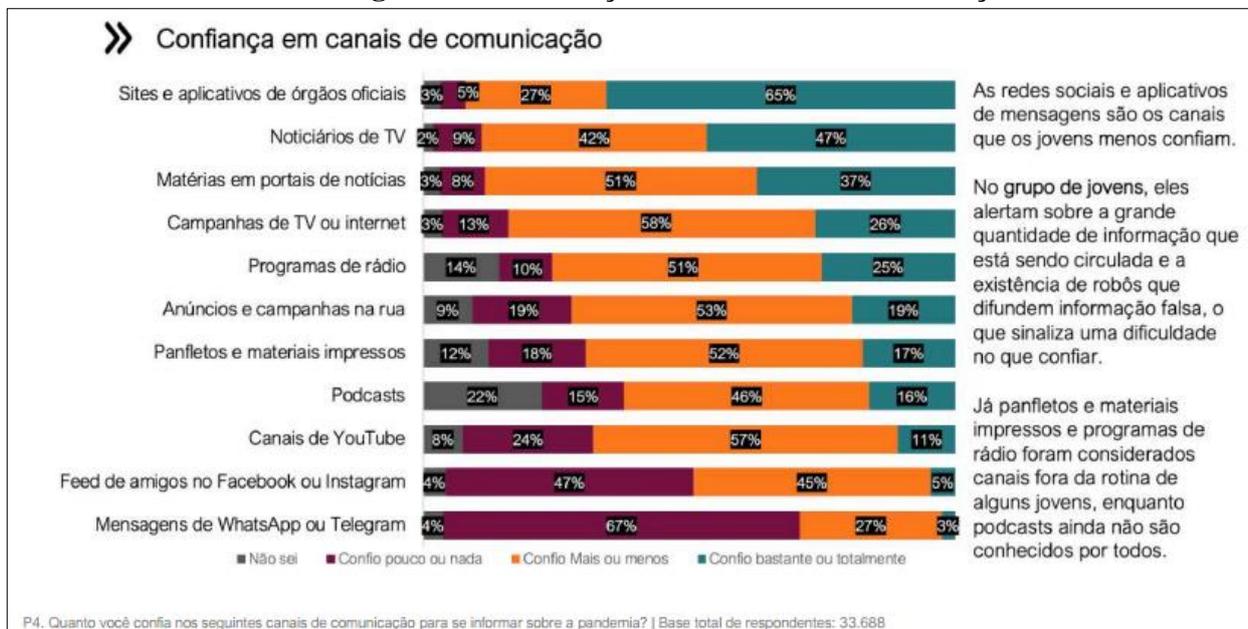
Os resultados apontaram que um número maior de estudantes passou a estudar sozinhos, pois as redes de interação e de apoio tornaram-se mais escassas. No que tange à saúde mental, os níveis de estresse, ansiedade, solidão e os sintomas depressivos pioraram. Os estressores, inicialmente voltados para o medo de perder a vida social, foram substituídos pela preocupação com saúde, família, amigos e com o próprio futuro (ELMER; MEPHAN; STADFELD, 2020).

Ainda no mesmo contexto, a Pesquisa: Juventudes e Pandemia do Coronavírus, realizada em junho 2020, investigou a percepção de jovens de diferentes regiões, vivências e realidades sociais, sobre a pandemia, seu contexto, os efeitos em suas vidas e na sociedade. No quesito confiança em canais de comunicação, os participantes ressaltaram que as redes sociais e aplicativos de mensagens são os canais que os jovens menos confiam, quando buscam informações a respeito da pandemia (Figura 3):

Os que tem mais rejeição são justamente os meios mais fáceis de propagar Fake News e que os jovens sabem, que é por WhatsApp e Telegram, ou Facebook e Instagram. (...) Já os outros, Youtube, Podcast, jornais na rua e campanhas de TV e internet, eu acho que está sendo uma procura muito importante para se informar quando esses

canais são especializados. É um youtuber que é infectologista, que é microbiologista que faz live sobre isso. É um podcast sobre ciência que fala sobre epidemiologias no mundo. São sites confiáveis. Esse ‘confio mais ou menos’ é uma expressão geral. (PESQUISA..., 2020).

Figura 3 – Confiança em Canais de Comunicação



Fonte: PESQUISA..., 2020

Além dessas questões expostas sobre o uso das redes sociais, esse ambiente virtual também é utilizado para dizer o que se pensa da escola. A pesquisa de Miranda, Carvalho e Pacheco (2015) analisou postagens de estudantes em páginas do *Facebook* que tratavam de assuntos relacionados à escola, e identificou que os jovens utilizam as redes sociais para expressar o que acham desta instituição. Nesta rede, o aparente descompasso entre os objetivos da escola e os interesses dos alunos era ressaltado. Essas postagens tinham como objetivo causar a sensação de pertencimento e provocar risos. Além do mais, elas acabavam sendo comentadas e compartilhadas por outros usuários que não pertenciam ao grupo específico escolar onde foi exibida.

Frente a essa situação, muitas vezes as ações das instituições de educação dos pais não são eficientes, como se observa numa pesquisa de viés psicanalítico, a qual ressalta que pais e professores se queixam de não conseguirem gerir o comportamento dos filhos/alunos, pois estes ficam conectados aos aparelhos e às redes sociais durante muito tempo. Para lidar com essa situação, a escola frequentemente proíbe o uso de aparelhos celular no espaço físico escolar. Contudo, não conseguem obter êxito já que os discentes continuam a usá-los, pois não conseguem se desapegar do que lhes é prazeroso (LIMA, 2015).

Neste contexto, A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) se apresenta como um documento normativo que busca definir um conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens básicas que todos os alunos precisam desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica (BRASIL, 2018).

As tecnologias digitais e a computação são temas presentes na BNCC, tendo em vista que as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) estão cada vez mais presentes no cotidiano, impactando o modo de funcionamento da sociedade. Assim:

Os jovens têm se engajado cada vez mais como protagonistas da cultura digital, envolvendo-se diretamente em novas formas de interação multimidiática e multimodal e de atuação social em rede, que se realizam de modo cada vez mais ágil. Por sua vez, essa cultura também apresenta forte apelo emocional e induz ao imediatismo de respostas e à efemeridade das informações, privilegiando análises superficiais e o uso de imagens e formas de expressão mais sintéticas, diferentes dos modos de dizer e argumentar característicos da vida escolar. (BRASIL, 2018, p. 61).

Ainda, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular, a cultura digital apresenta forte apelo emocional, induzindo a respostas imediatas, dando privilégio a análises sem profundidade, que se diferencia da forma de dizer e argumentar que são característico do cotidiano escolar. Para tanto, faz-se imprescindível que a escola estimule a reflexão e a análise aprofundada, além da atitude crítica diante das ofertas de mídias digitais. Entretanto, a instituição escolar também precisa incorporar as novas linguagens, promovendo novas formas de interação, aprendizagem e compartilhamento de significados entre docentes e estudantes. Além disso, precisa favorecer uma formação baseada nos direitos humanos e na democracia, trabalhando pela desnaturalização de qualquer forma de violência (BRASIL, 2018).

Neste sentido, Lück (2009) defende a gestão da disciplina escolar, como missão voltada para dois aspectos: melhorar o desempenho na aprendizagem e formar o estudante ao convívio social. Destaca também que o conceito de gestão disciplinar não equivale ao ensino de um comportamento dócil, silencioso ou de perfeição estética, pois nem sempre comportamentos com essas características são sinônimos de desenvolvimento do estudante, mas associa a disciplina ao fomento da capacidade de apreensão e resolução de problemas que envolvem determinados objetivos.

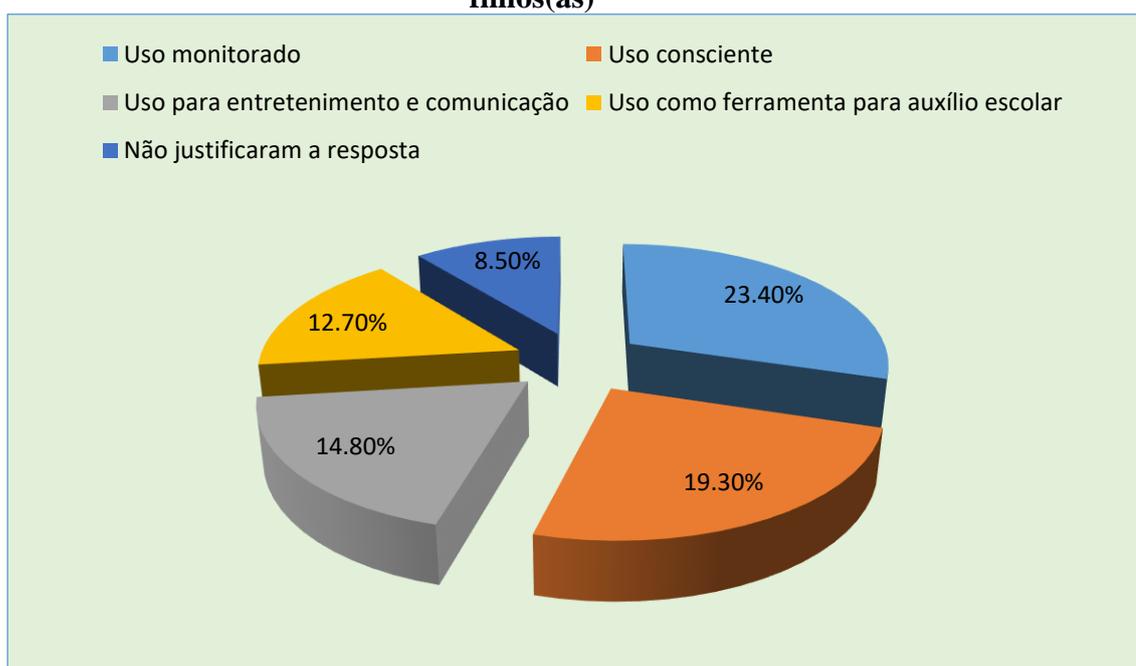
Mediante as definições e a aplicação dos termos indisciplina e gestão, compreende-se que a gestão do uso das redes sociais digitais não é equivalente à repressão ou autoritarismo, de modo a desconsiderar a autonomia de pensamento e ação dos estudantes, mas um meio de educar os jovens a conduzir o próprio comportamento para que este contribua de forma eficaz nas suas relações sociais e com o processo de ensino e de aprendizagem. Revela-se a função democrática e dialógica em que a gestão escolar está inserida. Conteúdos e comportamentos se entrelaçam neste aspecto da gestão escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A quinta pergunta do questionário objetivou sondar os pais/responsáveis se eles avaliavam positivamente o uso das redes sociais pelos filhos.

No que se refere ao bom uso, percebido pela maioria dos participantes (78,7%), identificou-se as seguintes categorias que justificavam o uso adequado das redes sociais pelos filhos(a): uso monitorado (23,4%), uso consciente (19,3%), entretenimento e comunicação (14,8%), ferramentas para auxílio escolar (12,7%). Além disso, 8,5%, não justificaram as respostas.

Figuras 4 – Justificativas dos pais sobre o uso adequado das redes sociais pelos filhos(as)



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

A categoria **uso monitorado** (23,4%) refere-se ao uso supervisionado das redes sociais pelos pais, pela qual são estabelecidos horários e limites de acesso, mostrando a necessidade de conciliar o uso da internet com os estudos. Como exemplo, cita-se: “Sim, tanto eu, quanto a mãe dele procuramos controlar os horários que ele pode acessar as redes sociais para que isso não o prejudique nos estudos (P32)” e “Só consigo administrar bem se estiver sendo monitorado. Caso contrário, vejo uma prioridade em seu acesso (P25)”.

A constante vigilância também é expressa pelo participante 22: “Usa. Imponho limites de tempo, tenho acesso as redes sociais deles, sempre estamos vigiando.” e P35: “Sim. Porque ela me permite administrar as contas dela.”

Na categoria **uso consciente** (19,3%), ressalta-se o uso das redes sociais de forma madura e segura, não se expondo muito, evitando situações desagradáveis, assim como sem que haja interferência nas atividades laborais, como, por exemplo: “Sim. Observo que ele usa de forma saudável, sem compulsão (P16)” e “Sim, pois usa apenas o necessário (P17)”.

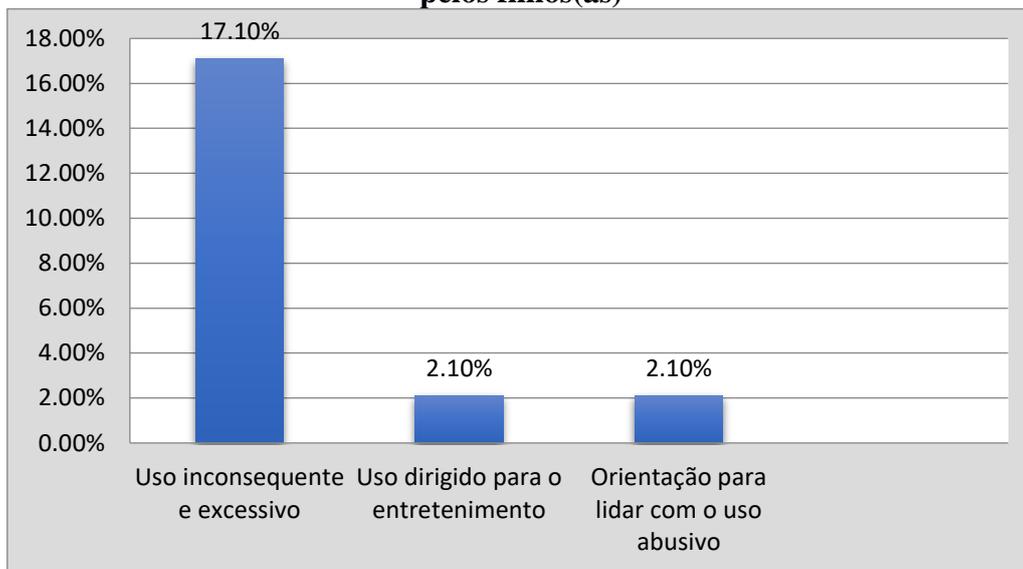
Já na categoria **entretenimento e comunicação** (14,8%) revela que as redes sociais são utilizadas para se comunicar com amigos e familiares, assim como facilitam a troca de informações sobre atividades acadêmicas. Como cita o participante P28 “Sim. Minha filha usa as redes sociais tanto para a comunicação, como uma ferramenta de estudo” e “[...] assistir filme” (P18). Como ferramenta de comunicação, destaca-se a chamada de aplicativos de transporte como descreveu P27: “[...] por exemplo, agora usou para chamar um carro para mim”.

A categoria **ferramentas para auxílio escolar** (12,7%) trata do uso das redes sociais pelos filho(as) como recurso que facilita os estudos, por exemplo, na realização de pesquisas escolares: “Sim, com certeza para fazer suas tarefas da escola.” (P24) e também “[...] ela faz muita pesquisa sobre o estudo dela” (P37).

Também 8,5% citaram que os filhos(as) usam bem as redes sociais, mas não justificaram suas respostas.

Em relação aos pais/responsáveis que consideraram que seu(a) filho(a) não usa bem (21,3%), destacou-se (Figura 5): uso inconsequente e excessivo (17,1%), uso dirigido para entretenimento (2,1%) e orienta sobre o uso abusivo, mesmo não tendo conhecimento sobre o assunto (2,1%).

Figuras 5 – Justificativas dos pais sobre o uso inadequado das redes sociais pelos filhos(as)



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

A categoria **uso inconsequente e excessivo** (17,1%) mostra o uso sem controle das redes sociais, que se torna uma atividade repetitiva, levando o(a) jovem a deixar de cumprir com as tarefas domésticas e influenciando o baixo rendimento escolar, como revelam os participantes: “[...] perdi muito tempo vendo besteira e não me ajuda nos afazeres domésticos (P21)” e também “Minha filha não tem limite nas redes sociais (P34)”.

Também se destacou a imprudência no uso das redes sociais, por meio da exposição de muitas informações pessoais, não dimensionando o impacto que pode causar, como ressalta P31: “Imatura, pois se expõe muito nas redes sociais, com ideias, fotos, carências sobre autoestima e problemas pessoais”.

Na categoria **uso dirigido para entretenimento** (2,1%), em oposição aos pais que afirmaram que os filhos administravam bem o uso das redes sociais, observa-se que o mau uso das redes sociais está direcionado aos jogos: “[...] ele gosta mais de jogos” P46.

A última categoria a ser indicada foi a do familiar que orienta sobre o uso abusivo, mesmo não tem conhecimento sobre o assunto (2,1%). Nesta subcategoria, identifica-se que mesmo não fazendo uso das redes sociais e não possuindo um conhecimento sobre tal conteúdo, mas por conviver e observar as pessoas no meio em que vive, percebe que o uso inadequado interfere negativamente na vida do indivíduo,

como destaca P1: “Não, pois sou analfabeta, normalmente oriento sobre o uso abusivo do aparelho.”

A questão de número 6 perguntou aos pais se eles avaliavam que o uso das redes sociais interferia na rotina de estudos e no rendimento acadêmico dos filhos.

Observou-se que a maior parte dos pais/responsáveis pelos jovens estudantes (64,15%) afirmou que o uso das redes sociais não interferiam na rotina estudantil e no rendimento acadêmico dos filhos(as), como se percebe na Figura 6, principalmente porque avaliaram que **a ação de estudar se sobressai ao uso destas redes**, deste modo ocorre a gestão eficaz dos horários de estudo (26,47%).

Na mesma proporção, outro fator que justifica essa não interferência é devido aos filhos(as) estarem em **constante observação e orientação** (26,47%), como se pode verificar nessa resposta enquadrada nestas duas últimas categorias: “Não [interfere]. Tem horários e regras estabelecidos ... Se não estiver bem na escola; redes sociais são cortadas.” (P44).

Outras duas categorias justificam que **tanto o celular quanto as redes sociais dos filhos(as) são dirigidas ao estudo** (17,65%), além da **falta de tempo para usar o celular** (5,89%).

Percebe-se, então, que essas categorias são complementares umas das outras, já que para que os aparelhos celulares estejam direcionados aos estudos, pois para que a ação de estudar se sobressaía ao uso das redes sociais, não sobrando tempo para o uso do celular, é fundamental que a família esteja em constante observação e vigilância, como se observa na resposta ambivalente do Participante 32: “Negativa, pois muitas vezes tem que pegar o celular dela para ela estudar. Positivo é porque ela pode se comunicar com os colegas a distância e acertar coisas de atividades.” Essa resposta revela que a gestão do uso das redes sociais não é perfeita, requerendo a constante observação da família e o reconhecimento de que estes recursos tecnológicos podem favorecer o processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, 23,52% não informaram justificativa sobre como as redes sociais não interferiam na vida dos jovens estudantes.

Outra parcela (32,07%) acredita que o uso das redes sociais interfere na rotina estudantil e no rendimento acadêmico dos filhos(as), de modo negativo (82,36%) e também positivamente (17,64%).

No âmbito negativo, a principal causa seria a **perda de foco nos estudos** (42,86%), como ressalta P35 ao dizer que “[s]im, ela fica jogando e não estuda, nem

descansa.” e P36: “Em parte. À noite, quando ela está no whatsapp para se desestressar dos estudos ela usa para conversar com os colegas e faz com que ela perca o foco”.

Sobre a perda de foco, a antropóloga Anber Case adverte que os indivíduos não mais dedicam tempo a si mesmos, mas, desde o despertar, o dia fica tomado pelas notificações do telefone ou do computador. Um dos problemas dessa conexão intermitente seria a pouca memorização das ações diárias. Para Case o celular é o novo cigarro, pois é utilizado para evitar o tédio (KAYSER, 2017).

Neste mesmo âmbito, uma pesquisa com adolescentes portugueses verificou-se que há uma correlação significativa entre o tempo de ecrã⁴ e os conflitos pelo uso excessivo de internet ($r=0,365$) (MATOS; GASPAS; GUEDES; TOMÉ; BRANQUINHO, 2019). Portanto, os conflitos entre familiares é um fator que pode prever que há problemas na gestão do uso das redes sociais, revelado, por exemplo, pela perda de foco nos estudos. Assim, o fato da **família ter que gerenciar o uso das redes sociais** também é avaliado como aspecto positivo diante da interferência do uso das redes sociais (21,43%): “Um pouco. Coloco limite de tempo para que estude”. (P18).

O **prejuízo à saúde mental e física** (14,29%), a **interferência no rendimento escolar** (7,14%) e **na relação de confiança entre pais e filhos** (7,14%) foram igualmente exemplos de como as redes sociais podem interferir na vida do jovem estudante. Informa-se também que 7,14% dos participantes não justificaram como ocorre esta interferência negativa das redes sociais na vida acadêmica dos filhos(as).

Além do mais, 17,54% ressaltaram que a interferência das redes sociais sobre os filhos era positiva, ao **usá-las para atividades escolares** (66,57%), também por **contribuir para a diminuição do estresse** (33,33%).

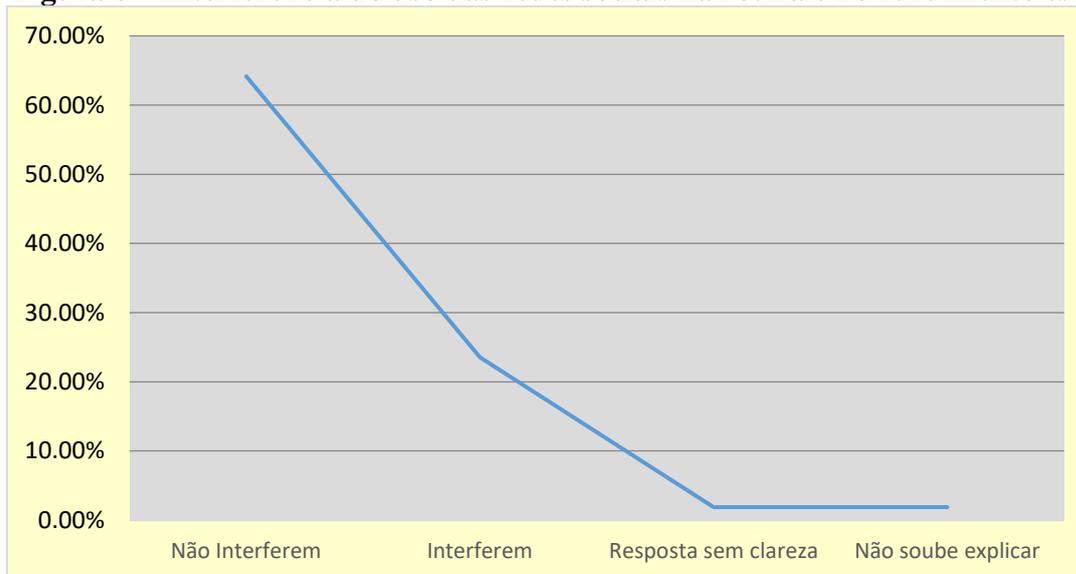
Na mesma frequência, uma resposta não ficou clara (1,89%) e outro participante informou não saber explicar sobre a existência, o não, de interferência das redes sociais sobre os(as) filhos(as).

De modo geral, nota-se que o relacionamento entre pais e filhos é basal para o uso com responsabilidade das redes sociais digitais. Um estudo longitudinal com 13.929 jovens verificou que a parentalidade positiva melhora vários aspectos da saúde e bem-estar na idade adulta jovem. Os resultados desta pesquisa sugerem que quando o relacionamento parental está associado a maior satisfação propicia-se maior bem-estar

⁴Tela do aparelho de mídia.

emocional, menor risco de doença mental, de distúrbios alimentares, de excesso de peso ou obesidade e uso de maconha. Em menor grau, uma maior autoridade dos pais e o jantar familiar regular também foram associados a um maior bem-estar emocional dos filhos, menos sintomas depressivos, menor risco de comer demais e certos comportamentos sexuais (CHEN; HAINES; CHARLTON; VANDERWEELE, 2019).

Figura 6 – Interferência do uso das redes sociais na rotina e no rendimento escolar



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avalia-se que os objetivos do trabalho foram atingidos, na medida em que se observou que os pais de alunos de cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFPB - campus Campina Grande, participantes da pesquisa avaliam, em sua maioria, que os seus filhos(as) usam com assertividade as redes sociais, além do mais, o uso delas não traz interferências para a vida escolar (rotina e rendimento).

O presente estudo reforça a necessidade de acompanhamento dos pais sobre o uso das redes sociais dos seus filhos(as), tendo em vista que esse processo de gestão representou, para a maior parte dos pesquisados, um caminho para o desempenho satisfatório no processo de ensino-aprendizagem.

Uma ação resultante deste projeto poderia se desenvolver por meio de um momento de troca de experiências entre os pais dos estudantes, pois é muito comum que alguns deles se sintam impotentes no processo de gestão do uso de redes sociais digitais,

permitindo que estes visualizem possibilidades de êxito na educação familiar para o uso assertivo das redes sociais por seus filhos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acesso em: 25 fev. 2020.

BRASIL. Resolução 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**. Brasília. 24 maio 2016.

BRASIL. Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**. Brasília. 13 jun. 2013.

CARRANO, Paulo Cezar Rodrigues. Redes sociais de internet numa escola de ensino médio: entre aprendizagens mútuas e conhecimentos escolares. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 395-421, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2017v35n2p395>. Acesso em: 19 jan. 2018.

CHEN, YING; HAINES, JESS; CHARLTON, BRITANNY M.; VANDERWEELE, TYLER J. Positive parenting improves multiple aspects of health and well-being in young adulthood. **Nature Human Behavior**. v.3, jul. 2019, p. 684-69. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332900382_Positive_parenting_improves_multiple_aspects_of_health_and_well-being_in_young_adulthood. Acesso em: 16 set. 2019.

DENÚNCIAS contra homem-pateta chegam às autoridades no Brasil. **R7**, 26 jun., 2020. Disponível em: <https://noticias.r7.com/cidades/denuncias-contra-homem-pateta-chegam-as-autoridades-no-brasil-26062020>. Acesso em: 30 ago. 2020.

ELMER, Timon; MEPHAN, Kieran; STADFELD, Christoph. Students under lockdown: Assessing change in students' social networks and mental health during the COVID-19 crisis. **PsyArXiv**, 6 maio 2020. DOI: <https://doi.org/10.31234/osf.io/ua6tq>. Disponível em: <https://psyarxiv.com/ua6tq/>. Acesso em: 13 jul. 2020.

GOTZENS, Concepción. **A disciplina escolar: prevenção e intervenção nos problemas de comportamento**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KAYSER, Belén. Amber Case: “O celular é o novo cigarro: se fico entediada, dou uma olhada nele. Está nos escravizando”. **El País**, Madri, 08 dez. 2017. Tecnologia.

Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/05/tecnologia/1512483985_320115.html.

Acesso em: 17 set. 2019.

LIMA, Nádia Laguárdia de. *et al.* Psicanálise, Educação e Redes Sociais Virtuais: escutando os adolescentes na escola. **Estilos da clínica**. São Paulo, v. 20, n.3, set./dez. 2015, p. 421-440. Disponível em:

www.periodicos.usp.br/estic/article/download/117763/115409. Acesso em: 18 jan. 2018.

LÜCK, Heloísa. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Positivo, 2009.

MATOS, Margarida Gaspar de; GASPAR, Tânia; GUEDES, Fábio Botelho; TOMÉ, Gina; BRANQUINHO, Cátia. Os Adolescentes Portugueses, a Internet e as Dependências Tecnológicas. **RPCA**, v. 10, n. 1, **JCAP**, v. 10, n. 1, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/38156>. Acesso em: 16 set. 2019.

MIRANDA, Luciana A. de; CARVALHO, Manuela Azevedo; PACHECO, Lílian Miranda Bastos. As Relações na Escola na Era Digital: descompassos, descontextos. **Pedagogia em Foco**. v. 10, n. 4, p. 185-200, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://revista.facfama.edu.br/index.php/PedF/article/view/160>. Acesso em: 15 jan. 2018.

PARRAT-DAYAN, Silva. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2009.

PESQUISA: JUVENTUDES E PANDEMIA DO CORONAVÍRUS. Relatório de resultados, jun. 2020. Conselho Nacional de Juventude (Conjuve). Disponível em: <https://www.juventudeseapandemia.com/>. Acesso em: 23 jul. 2020.

RICHARDSON, Roberto Jarry *et al.* **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. 14. reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.

SAMPIERI, Roberto Hernández Sampieri; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. Tradução Daisy Vaz de Moraes. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SPIZZIRI, Rosane Cristina Pereira; WAGNER, Adriana; MOSMANN, Clarisse Pereira; ARMANI, Ananda Borgert. Adolescência conectada: Mapeando o uso da internet em jovens internautas. **Psicologia Argumento**. v.30, n. 69, p. 327-335, abr./jun. 2012.

Disponível em:

<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/23288>. Acesso em: 14 mar. 2019.



VASCONCELLOS, Celso. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola.**
Série Idéias, n. 28. São Paulo: FDE, 1997. Disponível em:
http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p227-252_c.pdf. Acesso em: 22 maio
2009.